

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Os Donos do Ecrã: Quando o Regime Fala Como se Fosse Liberdade

Publicado em 2026-02-06 08:44:31



BOX DE FACTOS

- **O ecrã** não é a democracia: é apenas o seu espelho — e há espelhos com dono.
- **O poder** gosta de comentar-se a si próprio para parecer inevitável.
- **A crise** é o cenário perfeito para a pose: gravata apertada, voz grave, moral em saldo.



licença para pensar.

Os Donos do Ecrã: Quando o Regime Fala Como se Fosse Liberdade

Excerto

Há pessoas que não entram na televisão para explicar o país — entram para o substituir. E em momentos de crise, vestem-se de razão, como se a liberdade fosse uma carteira profissional.

O país como estúdio, o povo como plateia

Em certas noites, a televisão parece um velho salão de espelhos onde as mesmas figuras regressam com o ar de quem já esteve em todo o lado: poder local, gabinetes, fundações, conselhos, administrações, colunas de jornal, mesas-redondas, “observatórios” e “painéis”. São viajantes do circuito fechado: rodam sempre, mas rodam dentro.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pública. A democracia, nessa encenação, não é um pacto entre cidadãos: é um **argumento de autoridade** com luzes de estúdio.

A máscara do “intelectual do regime”

O fenómeno é subtil e, por isso, perigoso: a figura sinistra não precisa de ameaçar; basta que se apresente como inevitável. Ela fala com aquele tom de quem tem a chave do cofre e a planta do edifício. Exibe uma serenidade ensaiada, uma gravidade de altar, uma confiança de quem sabe que, aconteça o que acontecer, continuará a ser convidada para a próxima emissão.

O truque é antigo: confundir **competência** com **legitimidade**. Confundir o “já passei por lá” com “tenho razão”. Confundir o “eu explico” com “eu mando”. E assim o comentário deixa de ser reflexão e torna-se **administração simbólica do país**.

Jornalismo ajoelhado: quando a pergunta perde os dentes

A tragédia maior não é haver comentadores com apetites. A tragédia maior é haver um jornalismo que, por medo, dependência, promiscuidade ou exaustão, se limita a oferecer

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Numa democracia saudável, o jornalista é o incómodo profissional: o guardião do detalhe, o inimigo do “não sei”, o caçador de incoerências, o adversário da retórica vazia. Quando isso se perde, a televisão deixa de ser praça e passa a ser corredor. E num corredor, quem manda é quem tem acesso às portas.

A liberdade não é um cargo — é uma prática

A liberdade não é um crachá, nem um lugar na grelha, nem uma fotografia com ar sério. A liberdade é uma coisa viva e desconfortável: nasce da dúvida, cresce com a participação e mantém-se com a coragem de dizer **não** quando a narrativa do poder tenta transformar-se em destino.

Por isso, quando alguém fala ao povo “na qualidade de dono da razão” — como se a democracia fosse a sua casa e os cidadãos meros hóspedes — convém lembrar: **o país não é uma concessão**. A democracia não é um clube fechado de elites patéticas, com porteiro. E a liberdade não precisa de guardiões de gravata: precisa de cidadãos acordados.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

destruição. É mais simples — e mais exigente: **perguntar**. Exigir transparência. Pedir factos. Confrontar contradições. Apoiar jornalismo sério. Participar. Organizar-se. Votar com lucidez. Não aceitar o “é assim” como sentença.

A liberdade exige vigilância viva, quase poética. Não a vigilância da suspeita, mas a da consciência. E a consciência, quando se torna comum, devolve ao poder a sua condição natural: a de ser **temporário**.

Epílogo: quando o ecrã se apaga, fica o país real

Um dia, as luzes do estúdio desligam-se. A emissão termina. E o país real continua: salários curtos, justiça lenta, serviços públicos a pedir milagres, jovens a emigrar, velhos a esperar, famílias a contar moedas. É aí — fora do ecrã — que a democracia prova se é democracia.

Se as “figuras do regime” querem falar ao povo, que falem. Mas que saibam: a liberdade não é deles. A liberdade não tem dono. Tem memória. E tem cidadãos.

Referências e Leituras

- **Montesquieu** — limites do poder e separação de poderes.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

fragilidade das instituições.

- **George Orwell** — linguagem como instrumento de dominação.
- **Jürgen Habermas** — esfera pública e a degradação do debate.

Para mais informações pode contactar-nos acima em [Contactos](#).

Francisco Gonçalves

com co-autoria editorial de **Augustus Veritas**

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)